

Clinica Presidencial A lição dos erros

Rubem Azevedo Lima

Os resultados de qualquer eleição majoritária, no entender dos especialistas, os chamados **marketeiros** eleitorais, dependem tanto de um conjunto de fatores de ordem geral, como os de natureza política, social e econômica, no momento do pleito, quanto das circunstâncias pessoais dos candidatos, algumas identificáveis, mas muitas desconhecidas e misteriosas. Por isso, as chances de vitória dos presidencialistas são consideradas maiores quanto menores forem os erros que eles e seus respectivos esquemas de apoio cometerem na campanha.

A parte as considerações técnicas, existem, no Brasil, em matéria de eleições presidenciais, duas ou três coincidências estatisticamente curiosas. Uma delas é a de que desde 1930, à exceção de Dutra — mais pelo fato de ser originário do getulismo do que por ter sido expressamente apoiado por Getúlio — nenhum presidente conseguiu eleger seu sucessor, pela via democrática. Outra coincidência factual: excetuado novamente Getúlio, que chegou ao poder pelas armas e governou o País ditatorialmente por quinze anos, nenhum candidato que concorreu à Presidência duas vezes conseguiu se eleger.

No primeiro caso, portanto, cabe ao presidente Itamar enfrentar o desafio de eleger o candidato que apóia até agora, seu ex-ministro Fernando Henrique Cardoso. Quanto ao segundo caso, três dos atuais candidatos — Luiz Inácio da Silva, Leonel Brizola e Enéas — precisam vencer a síndrome de repetirem a tentativa de eleição presidencial, que fulminou, no passado, as candidaturas de Ruy Barbosa, Eduardo Gomes, Adhemar de Barros, Paulo Maluf e Ulysses Guimarães.

Mas a regra básica dos **marketeiros** — evitar erros crassos na campanha eleitoral — está sendo violada por quase todos os candidatos ou seus esquemas de apoio, especialmente no tocante aos que lideram as pesquisas

eleitorais e até pelo próprio presidente Itamar.

A mulher de Fernando Henrique atacou, em termos duros, um dos pilares da candidatura do marido, o ex-governador baiano Antonio Carlos Magalhães, que, inexplicavelmente, ao contrário do que se esperava de seu temperamento, preferiu ignorar o episódio. O presidente Itamar entrou de sola em sua própria equipe econômica, res-

ponsável pela execução do Plano Real, razão provável do crescimento da candidatura FHC. Por pouco, a equipe não implodiu, pondo em xeque a sobrevivência do candidato apoiado por Itamar.

No PT, a estratégia ou o estouvamento pessoal do vice-presidencial Mercadante, de desafiar Fernando Henrique pa-

ra um debate sobre aquele plano, teve efeito devastador. Abriu-se com o desafio o flanco de Lula aos ataques dos que o dizem despreparado como candidato para oferecer aos eleitores alternativa de estabilidade econômica.

Os ex-governadores Brizola, Quéricia e Amin insistem no ataque ao Plano, com argumentos que podem até ser corretos, mas não senbilizam o eleitorado. Em consequência, os três talvez caminhem para o matadouro das urnas, se não mudarem de rumos. A eleição de 1994 será uma lição de como agir para ser derrotado, mas algum candidato, seja quem for —, ganhará contra toda a lógica e governará o País. Resta esperar, então, que erre menos no governo do que na campanha.

**Desde 1930,
nenhum
presidente
conseguiu
eleger seu
sucessor por
via direta.
Itamar
enfrenta
esse desafio**